

## IDEIAS SUBVERSIVAS DE GÊNERO EM BEAUVOIR E BUTLER

### SUBVERSIVE IDEAS OF GENDER IN BEAUVOIR AND BUTLER

Daniele Fernandes Reis\*

#### RESUMO

Persiste ainda a ideia de que o tema relativo ao gênero esteja superado. Na realidade, este permanece mascarado nas entranhas da sociedade que insiste, por meio de um discurso insidioso, em naturalizar e reiterar a norma binária heterossexual que dá identidade aos sujeitos. Essa regra traz consigo inúmeras outras que condicionam e limitam a liberdade sexual e de gênero, sendo imprescindível, para refutá-las, conhecer as ideias primevas de Simone de Beauvoir e Judith Butler, que fundamentam o debate atual sobre o gênero e incitam a subversão de identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Mulher; Performatividade; Subversão

#### ABSTRACT

The idea that the theme related to gender is already overcome still persists. In fact, it lies masked in the bowels of society, which insists – through an insidious discourse – to naturalize and reiterate the binary heterosexual norm that confers identity to subjects. This rule brings along innumerable others that determine and limit sexual and gender freedom, rendering vital, to refute these restraints, knowing the original ideas of Simone de Beauvoir and Judith Butler, which give fundament to the current debate on gender and incite identity subversion.

**KEYWORDS:** Gender; Woman; Performativity; Subversion

---

\*Mestranda em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu, SP.

## 1. Introdução

Simone de Beauvoir inicia sua obra de referência para os estudos sobre gênero, *O segundo sexo*, em evidente irritação por verificar que pouco foi esclarecido na história da filosofia sobre este *ser* designado muitas vezes como “fêmea” ou simplesmente como “mulher” – e ainda por notar o quão pesado é culturalmente este último termo, que traz consigo muitas definições, papéis e incumbências pré-definidas. Em geral, designar o sujeito com esses termos implica considerar sua constituição biológica e sua construção cultural, ou seja, para muitos o que define alguém como *fêmea* é o sexo (sua constituição biológica) e o que define alguém como *mulher* é o gênero (sua constituição cultural). Essa é a primeira regra define os sujeitos em sociedade e os condena a estar eternamente resignados com sua condição, atribuições ou características, como num processo lógico, imutável ou como uma fórmula matemática hipotética e simplista:

Macho

Homem =  $\sum$  (falo + testosterona + próstata) x  $\sum$  (rude + forte + dominador)

Fêmea

Mulher =  $\sum$  (vagina + progesterona + ovários) x  $\sum$  (delicada + fraca + submissa)

Pode-se afirmar que o empenho de Beauvoir em tentar problematizar a definição de “a mulher” e as inúmeras constatações obtidas em suas pesquisas – como, por exemplo, a sujeição da mulher na história e, em especial, a constatação de que muitos acreditavam (e ainda acreditam) que ser mulher é algo similar a um *erro*, a um *ser incompleto* – tudo isso certamente deu início aos estudos feministas, posteriormente aos estudos de gênero e aos estudos sobre a sexualidade não normativa, culminando atualmente com os estudos “*queer*”. Penso ser aqui relevante pontuar algumas questões.

## 2. Beauvoir e a passagem de sexo a gênero

De um lado, há as interpretações acerca das teses de Beauvoir que a entendem como pós-iluminista, essencialista, bem como aquela que inaugura, por meio do existencialismo, o feminismo em seara filosófica. M. L. Femenías parte do pressuposto de que as teses beauvoirianas são preciosas para o feminismo, em especial sua constatação de que ter nascido “mulher” implica uma série de prescrições que “limitam e recortam”, para a mulher, sua “possibilidade de constituir-se como sujeito pleno” e obter sua transcendência, um postulado realmente fundamental para as críticas e as teorias de gênero.

A seu sentir, o sexo como fato biológico marca em Beauvoir algo de relevo, mas somente enquanto uma “inscrição sociopolítica das mulheres com todas as suas consequências” (FEMENÍAS, 2012, p.312). Beauvoir se refere desta forma ao sexo não apenas como um fato biológico, mas enquanto “sexo vivido” – e vivido de forma cultural. Sem dúvida, tal entendimento consagra Beauvoir como a filósofa que se sentiu impelida a rever as determinações culturais prescritas para o sexo feminino, mas, segundo Femenías, ela o faz ainda sob o filtro de teorias universalistas. O compartilhamento de um *Mitsein* próprio do ser humano seria devido a homens e mulheres, embora jamais se tenham reconhecido às mulheres as mesmas possibilidades culturais dadas aos homens.

Nesse sentido, a célebre sentença que inaugura o segundo volume de *O segundo sexo* pode ser entendida como um dado em situação. Se ninguém pode viver de boa fé à margem de seu sexo, escreve Femenías, “ser mulher” é *ter-se tornado mulher*, é ter-se feito tal qual cada uma se *manifesta*, escolhendo-se a partir de uma “situação”, que evidencia certo constrangimento, de um modo distinto dos homens. Pode-se ler aqui uma descrição fenomenológica da “situação real das mulheres para, em seguida, desmontar o que a cultura lhes impõe, apelando (sem razão alguma) para a ‘natureza’ de seu sexo”, tal como Beauvoir se propõe demonstrar em *O segundo sexo* (FEMENÍAS, 2012, p.313). Essa análise, feita já em 1949, é crucial para as interpretações posteriores, sejam as que apoiaram ou as que contestaram Beauvoir.

De outro lado, na sequência prático-teórica das análises estabelecidas por Beauvoir, as críticas, os combates e os antagonismos sobre temas feministas, de gêneros e,

principalmente, sobre os estudos “*queer*” correspondem a um desconhecimento e a uma má interpretação de alguns conceitos e correlações na esfera da filosofia. Os domínios do saber, os tópicos privilegiados na história do saber, relegaram alguns temas ao desterro. Mas é preciso realçar os traços conceituais dos movimentos e de suas indagações. Não apenas os movimentos feministas prosseguem após Beauvoir, como surgem novas teorias que apontam para a impossibilidade de pressupostos teóricos unitários e homogêneos sobre o gênero, destacando-se entre as contemporâneas aquelas que introduziram alguns pressupostos de relevo para os valores e comportamentos sexuais, inspiradas no movimento *queer*. Tal movimento ou teoria *queer*, que abala os postulados epistemológicos de identidade, surgiu da união de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas, para direcionar o desenvolvimento da pesquisa que categoriza, na década de 1980, os sujeitos (SALIH, 2012, p.19), em diversas áreas como letras, história, antropologia, entre outras. Passa-se a questionar a tradicional binaridade heterossexual, assim como suas identidades e a construção cultural pelo poder dos conceitos de sexo e gênero. Colocam-se em xeque as afirmações até então impostas de tais regras, que afirmavam ser naturais ou fazerem parte da essência do ser humano sua condição sexual e de gênero (BARBERO, 2005, p.41).

O termo *queer* era utilizado anteriormente para insultar e ofender tudo que não admite uma fácil definição, tal como o indistinguível. Contudo, em si mesmo, “o *queer* não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação” (SALIH, 2012, p.19). Após sua ressignificação, o termo passou a ser utilizado de modo positivo e até mesmo pelas próprias pessoas que eram ofendidas por ele, o que demonstra como a linguagem é capaz de desestabilizar os estigmas provocados pela cultura. A teoria *queer* pode-se dizer que é encabeçada pela filósofa Judith Butler e tem como objetivo investigar e desconstruir as categorias que pré-determinam os sujeitos, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e *generificadas* (SALIH, 2012, p.20). É a partir dos estudos de Beauvoir que Butler afirma, em suas obras, artigos e entrevistas, a instabilidade do gênero, que é um processo que não tem nem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos” e não algo que “somos”. Isto porque a frase célebre de Beauvoir, “ninguém nasce, mas torna-se mulher”, pretende abrir os olhos exatamente para as imposições sociais inquestionáveis que classificam e excluem os sujeitos.

Como a sexualidade é fator intrínseco à subjetividade, o que denota a aparência de estabilidade e naturalidade da norma binária de heterossexualidade são os modos pelos quais os fatos naturais corpóreos adquirem significado cultural por meio do gênero (BUTLER, 1986). Butler questiona se seria “o gênero tão variável e volitivo como propõe o estudo de Beauvoir” e se realmente “poder-se-ia circunscrever a ‘construção’ a uma forma de escolha” (BUTLER, 2008, p.57).

Para ela, quando Beauvoir utiliza o verbo “tornar-se”, pretende dizer que gênero é um processo de construção de identidade e não somente uma construção cultural, ou seja, o sujeito assume ou corporifica voluntariamente o gênero, porém, e talvez o mais importante, essa assunção é influenciada pelo meio e pelos padrões já criados e impostos, não possuindo o sujeito possibilidade de redefini-los (BUTLER, 1986, p.35). A utilização do existencialismo para explicar tais escolhas é criticada por Butler: “Quando a doutrina da escolha existencial é usada neste contexto, ela é seguramente insidiosa, mas este uso é ele mesmo um mau uso que desvia a atenção das possibilidades de empoderamento da posição” (BUTLER, 1986, p.40).

### **3. As críticas de Butler**

A crítica de Butler diz respeito ao uso que Beauvoir faz do “aparato existencial” para tentar entender o momento em que a socialização ocorre num regime opressor que permanece disfarçado (BUTLER, 1986. p.41). Trata-se de uma fenomenologia da vitimização, na qual Beauvoir constata a relação assimétrica de poder ocasionada pelos padrões de gênero, que, para Butler, não são simplesmente eleitos numa relação linear de escolha e responsabilidade, mas sim impostos de forma articulada e enganosa – “força dialética” –, de modo a incutir na mulher sua condição determinada e imutável. O processo de construção de identidade, tal como verificado por Butler nos escritos de Beauvoir, é um projeto incessante, que, além de resultar na escolha de um gênero pré-determinado, implica em mais limitações impostas ao sujeito em formação, já que essa construção se dá também por atos corporais e modos de agir já esperados e fixados pela cultura, como a fórmula

matemática imaginada acima. É esse processo que é nomeado de *performatividade*, de forma rasa, nada mais que a incidência de práticas regulatórias e de repetição que impõem uniformidade no comportamento estabelecido como coerente pela cultura no que diz respeito a sexo e gênero.

Para melhor compreendermos a amplitude e a relação de tal designação, a de *performatividade*, devemos primeiramente ressaltar que ela implica que não há clara distinção entre sexo e gênero, pois toda existência é social. Não há um “corpo natural”, todos os corpos são “generificados” – e essa constatação de Butler se baseia na assertiva de Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, gênero não é algo que *somos*, é algo que *fazemos*, por meio de uma sequência de atos (BUTLER, 2010, p.25). Porém, há um “ideal regulatório” também nessa sequência de atos, ideia que nasce dos estudos que Butler faz de Michael Foucault, o que indica que o sujeito nunca está verdadeiramente livre para escolher o gênero que pretende encenar. Há um *script*, como o designa Sarah Salih, sempre já determinado no interior do ideal regulatório e o sujeito possui pouquíssimas opções que limitam a aparência ou formato que pode adotar (SALIH, 2012, p.90). Butler afirma:

Se o “corpo é uma situação”, como afirma [Beauvoir], não se pode aludir a um corpo que não haja sido desde sempre interpretado mediante significados culturais; por tanto, o sexo poderia não cumprir os requisitos de uma facticidade anatômica pré-discursiva. De fato, se demonstrará que o sexo, por definição, sempre foi gênero (BUTLER, 2008, p.57).

Segundo Carla Rodrigues, Butler estaria indicando que o “sexo não é natural”, mas também “discursivo e cultural”, tal como o gênero (RODRIGUES, 2005). Isso significa, a seu sentir, que Butler questionaria a suposta aceitação do sexo como um dado natural e a do gênero como um dado determinado culturalmente, pois, se assim fosse, certa expressão da “essência do sujeito” poderia parecer evidente, assim como certa “unidade metafísica” em busca de um “eu verdadeiro”. Desconstruindo tais pressupostos teóricos, Butler desmonta a ideia de um sujeito unitário e abre novas perspectivas de análise acerca das teorias de gênero.

Butler verifica que a questão da real liberdade de escolha do gênero para a constituição da identidade não é tratada por Beauvoir, empenhando-se então em analisá-la

por acreditar que as normas de gênero são deveras limitantes, tendo a função precípua de reprimir a liberdade de gênero, já que não é possível existir socialmente fora de tais regras pré-estabelecidas. Trata-se de algo grave: “se a existência é sempre marcada pelo gênero, então desviar-se do gênero estabelecido é em algum sentido colocar a própria existência de alguém em questão” (BUTLER, 1986, p.42). De fato, continua ela, há uma “penosa limitação social” para aquele que escolhe exercer alguma outra identidade de gênero que não a imposta culturalmente, uma vez que é a imitação persistente de práticas tidas como masculinas ou femininas, ou seja, a *performatividade*, caracterizada pela reprodução reiterada de modos de agir, que constrange a mulher a se comportar de modo feminino e o homem a se comportar de modo masculino, excluindo, conseqüentemente, os homoafetivos, transexuais e os hermafroditas, por estarem fora do padrão ideal imposto pelas relações sociais de poder.

Temas culturais já criticados por Beauvoir são igualmente retomados por Butler de uma perspectiva específica, incluindo o da maternidade, que serve de forma ilustrativa nos estudos da desconstrução do gênero em seu rigor identitário. Butler entende que a recusa da maternidade enseja certamente uma temida pena social, ou seja, sua aceitação pelas mulheres é mais uma “instituição social compulsória”, já que se pretende naturalizar e universalizar tal instituição como própria de um gênero (BUTLER, 1986, p.42). Beauvoir, em seu tempo, levantou tal polêmica, declarando que a maternidade deveria ser tratada do ponto de vista da vontade ou da escolha da mulher (que pretende agora a satisfação na vida social) e não como um “destino fisiológico”, uma “vocaçãõ natural” (BEAUVOIR, 2009, p.645). Esse tema, aparentemente simples, é tomado pelas filósofas como meio para dismantelar o projeto de constituição da identidade feminina. O que ambas realçam, cada uma a seu modo e em seu tempo, é a existência de uma lei que “assegura o fracasso representativo de uma moralidade, que ignora os poderes gerativos com os quais se elabora a lei” como uma impossibilidade permanente (BUTLER, 2008, p.137).

Embora ambas questionem as configurações do sujeito, Butler entende que, mesmo se Beauvoir aponta para a transcendência da mulher na busca da autorrealização, estaria oferecendo às mulheres “a chance de serem homens” e de modelarem a si mesmas a partir de um paradigma imposto (BUTLER, 1986, p.43). Seus estudos, em *Gender Trouble* e textos posteriores, como *Bodies that Matter*, investigam tanto a ficção inerente ao sexo e ao

gênero, quanto a própria subversão corpórea, com o auxílio da psicanálise e das teorias da linguagem, mas, sobretudo, utilizando os princípios da Desconstrução tomados da filosofia de Derrida. São estes últimos que servem de referência para minha própria análise e me levam a questionar se haveria um “eu anterior” às determinações de um gênero concreto, o qual preservaria uma “integridade” anterior à entrada do sujeito no imenso campo cultural conflitivo de que tratam Beauvoir e Butler (2008, p.284). Com efeito, as cópias miméticas e as práticas paródicas sobre o gênero servem bem para ilustrar as cópias falidas que engendram o sujeito determinado pela cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Graciela Haydée. **Homossexualidade e Perversão na psicanálise: uma resposta aos Gays and Lesbian Studies**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **El gênero em disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Traducción Ma. Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós, 2008.

BUTLER, Judith. “Sex and Gender in Beauvoir’s Second Sex”. In: **Yale French Studies**, Simone de Beauvoir: Witness to a Century, n° 72, Winter 1986.

FEMENÍAS, María Luisa. A crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir. *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v.3 - n.6, p. 310-339 – 2º sem. 2012. ISSN: 2177-6342 312.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista de Estudos Feministas**. v.13 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2005.

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext)

Acesso em 23/02/2013.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012.